

Personagem de ficção e autobiografia

Prof. Dr. José Antonio Segattoⁱ (UNESP)
Profa. Dra. Maria Célia Leonelⁱⁱⁱ (UNESP)

Resumo:

O trabalho levanta e examina semelhanças e diferenças entre dois romances brasileiros recentes - *Heranças* de Silviano Santiago de 2008 e *Eu vos abraço, Milhões* de Moacyr Scliar de 2010 - que utilizam o mesmo procedimento narrativo: a autobiografia da personagem de ficção. Além dessa, há outras semelhanças entre as duas obras que incitam à comparação, como a combinação entre ficção e registro documental e a predominância da descrição em detrimento da narração de acordo com os conceitos de G. Lukács. A análise comparativa tem em vista, principalmente, os recursos literários utilizados pelos autores para construir o relato da experiência de vida, das relações sociais e do processo histórico em que os protagonistas se inserem.

Palavras-chave: autobiografia, personagem de ficção, literatura contemporânea, romances brasileiros, comparação.

1 Introdução

É, até certo ponto, consensual na crítica que um dos procedimentos narrativos mais usuais, antigos e fecundos na literatura é o da autobiografia da personagem de ficção: é o caso de Goethe, passando por Dostoiévski e Proust até Svevo e Joyce entre muitos outros. Entre nós, de Machado de Assis a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, esse método tem sido utilizado com eficiência e produzido resultados notáveis nas narrativas ficcionais. Muitos autores de romances contemporâneos, inclusive no Brasil, continuam a se valer desse recurso. Exemplo disso – entre outros recentemente publicados, como *Leite derramado* de Chico Buarque de 2009 – são os romances *Heranças* de Silviano Santiago de 2008 e *Eu vos abraço, Milhões* de Moacyr Scliar de 2010.

Elementos fundamentais da história narrada e da enunciação das duas narrativas – *Heranças* e *Eu vos abraço, Milhões* – incitam à comparação, em parte, pela semelhança, em parte, pela diferença. Temos, em ambos, a autobiografia fictícia e a relação da vida dos protagonistas com os acontecimentos históricos, sociais e políticos do país, dos anos 30 do século XX, atingindo o início do século XXI no caso do livro de Silviano Santiago e um tempo não claramente determinado no caso do romance de Moacyr Scliar.

A análise comparativa desses livros tem por objetivo aquilatar os recursos literários utilizados pelos autores para a configuração da autobiografia da personagem de ficção, a partir do levantamento e do exame dos artifícios de que os escritores lançam mão para construir a narração, por meio da qual cada uma das personagens-narradoras relata sua experiência de vida, suas relações sociais e a representação do processo histórico em que se inserem.

Além de empregarem, de modo geral, o mesmo procedimento narrativo – autobiografia da personagem de ficção – os romancistas apresentam, como personagens-narradoras, homens bastante idosos com larga experiência de vida.

2 Romance das ilusões perdidas

Valdo, o protagonista do romance de Moacyr Scliar, morando em uma casa para velhos, rememora passagens marcantes de sua adolescência e juventude por meio de carta ao neto norte-americano. Experiências, venturas e desventuras foram vividas em Santo Ângelo e no Rio de

Janeiro entre os anos de 1929 e 1931, principalmente. Há todavia, referências a acontecimentos de 1935 e a momentos da década de 1960. Não se sabe exatamente qual é o tempo da história do país que corresponde ao da narração, mas devem ser as décadas finais do século XX ou o início do século XXI.

Filho de capataz da estância do Coronel Nicácio – “[...] um tipo tirânico, irascível, responsável, segundo se dizia, por não poucas mortes, quase sempre por degola [...] tratava com a maior brutalidade seus empregados.” (SCLIAR, 2010, p.16) – o pai é visto pelo filho como “[...] pobre, semianalfabeto, dependente de um patrão cruel [...] o protótipo do perdedor.” (SCLIAR, 2010, p.17). Valdo presencia encontro entre o pai e o Coronel, em que o capataz tem o chapéu arrancado da cabeça por um tapa do patrão por não tê-lo tirado em sinal de respeito. Trata-se de personagem revoltada pela atitude submissa do pai, humilhado pelo patrão.

Um encontro muda a vida de Valdo. Conhece Geninho – filho de sua professora¹ - comunista que se tornaria, a partir de então, seu guru. Orientado na leitura do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels e doutrinado pelo militante do Partido Comunista Brasileiro, sua revolta com a situação do pai e com a sociedade é altamente potencializada.

Tendo Geninho como mestre e o *Manifesto* como catecismo, Valdo, o protagonista, passa a acreditar que tem a verdade e os segredos do mundo revelados:

De repente, eu via a luz. De repente o caótico quadro do mundo e da vida adquiriu sentido – graças à implacável ordem marxista [...] o Manifesto tinha respostas para todas as questões. O mundo que descrevia era o mundo binário, nitidamente dividido entre o justo e o injusto, o progressista e o reacionário; um mundo dividido – entre o Bem e o Mal? [...] O Bem: o comunismo. O Mal: o capitalismo. (SCLIAR, 2010, p.31-32).

Incorpora novos termos e palavras, como, por exemplo, “massas” que “[...] era a chave para a compreensão da sociedade”, “uma palavra mágica, o abracadabra da revolução”. Aprende também que “a religião era o ópio do povo”. Impressiona-se com uma frase lida num cartaz de Geninho – “Eu vos abraço, Milhões” que o acompanharia nos anos seguintes em sua utopia ou sonho de abraçar milhões. A frase – que dá título ao livro – é adaptação de um verso do poema “Ode à alegria” de F. Schiller. O poema serviu de inspiração a Beethoven e foi por ele musicado na “Nona sinfonia” (SCLIAR, 2010, p.26, p.31 e p.36).

Vitimado por enfermidade fatal, Geninho, pouco antes da morte prematura, pede a Valdo que vá para o Rio de Janeiro à procura de Astrojildo Pereira para que este o transforme em quadro político do PCB e em dirigente do proletariado na revolução socialista. Valdo herda do guru o livro *Que fazer?* de Lênin que o acompanha - sem ter sido lido por ele - por toda a vida e cujo título é repetido, como um mantra, dezenas de vezes, quase que a cada página, juntamente com o equivalente original em russo: *chto delat?*

O protagonista desloca-se para o Rio de Janeiro num vagão de carga, imaginando estar sendo conduzido “a um destino revolucionário” e que, do trem, desembarcaria “para empunhar a foice e o martelo da revolução.” (SCLIAR, 2010, p.61). No vagão, conhece a jovem Chica que o inicia na vida sexual; imediatamente apaixona-se por ela e começa a sonhar que, a partir daquele momento, viveriam juntos e supõe, no Rio, estar “[...] em meio às massas que invadiriam o palácio do Catete, no que seria o triunfo definitivo do comunismo no Brasil.” (SCLIAR, 2010, p.66). Na

¹ A professora Doroteia, admiradora de Machado de Assis, promovia concurso anual de redação sobre o escritor e, tendo sido vencedor, como prêmio, Valdo recebeu um exemplar de *D. Casmurro*. Ela costumava contar a história de um menino que beijou a mão de Machado no leito de morte, de que tomou conhecimento por meio de artigo de Euclides da Cunha. Mas, para Geninho - o filho da professora - o autor era “reacionário”, oportunista, “niilista”, “cético”, cuja obra só tratava de “temas burgueses”, não falava de “revoluções e greves”. Ele dizia ainda que o episódio do rapaz que beijara a mão do escritor era “[...] uma grotesca manifestação de subserviência, de submissão, a um velho safado, mentiroso, enganador.” Por influência de Geninho, Valdo queima o livro (SCLIAR, 2010, p.29).

capital, o protagonista vive uma série de desventuras até encontrar o contato do PCB, o operário Hércules que, solidário, hospeda-o em sua casa. O operário informa-lhe, para sua decepção, que Astrojildo Pereira não estava no Brasil – havia ido a Moscou para trabalhar no Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista.

Enquanto espera a volta de Astrojildo, Valdo flana pelo Rio de Janeiro, até que Hércules lhe diz que ele precisava trabalhar e que lhe havia arrumado um emprego e uma pensão para morar. Paradoxalmente, por ironia do destino, trabalha na construção do Cristo Redentor, tornando-se proletário e, como tal, agente partícipe do grandioso monumento de devoção da Igreja Católica. Ele, que era ateu e julgava a religião como alienação, “ópio do povo”.

No Cosme Velho, tem um caso com a dona da pensão, Maria Clara, que lhe afirma ter conhecido, quando jovem, o escritor Machado de Assis. Ela dá sequência à educação sexual de Valdo – iniciada com Chica no trem, continuada com Denizete (prostituta de quem adquire gonorréia) – a qual segue com Rosa, jovem anarquista, por coincidência, filha de Hércules que estava brigada com o pai. Ela tinha planos de explodir o monumento do Cristo Redentor, com a cumplicidade de Valdo, durante a inauguração do mesmo. Tal intento acaba frustrado.

Valdo, finalmente, recebe a notícia de que Astrojildo Pereira havia voltado. Porém, não consegue estabelecer contato com o tão esperado líder revolucionário. Nesse ínterim, presencia a revolução de outubro de 1930, a chegada de cavalarianos e militares gaúchos “que amarrariam os cavalos no obelisco” (SCLIAR, 2010, p.200). É então informado de que Astrojildo caíra em desgraça e fora afastado do cargo de secretário geral do PCB. O protagonista fica ainda mais desapontado ao saber que o grande líder – que imaginava “como Stálin: postura altiva, grande bigode, olhar firme e enérgico” (SCLIAR, 2010, p.152) – estava escrevendo artigos de crítica literária para a “imprensa burguesa”, principalmente sobre “o reacionário Machado de Assis”. Pior ainda, tornou-se vendedor de bananas para sobreviver² (SCLIAR, 2010, p.222-224).

Desiludido vai para Porto Alegre onde se casa e passa a dedicar-se ao ofício que aprendera no Rio – o de eletricitista – e torna-se empresário bem sucedido. Perde o gosto pela política e, de vez em quando, colabora com algum político ou partido, mas, “por puro interesse: negócio é negócio”: “[...] queria estar bem com o governo, com qualquer governo, de esquerda, de direita, de centro; prestava serviços para órgãos públicos, precisava daquilo para ir tocando a empresa.” (SCLIAR, 2010, p.247).

Afora um entrevero passageiro com o filho – que, nos anos 1960, estava ligado a grupos de esquerda na luta armada contra a ditadura – e com a polícia (por conta do filho), tem uma vida sem sobressaltos, restando-lhe apenas saudades daqueles tempos.

Lukács (1965b) afirmou que Balzac com *As ilusões perdidas* criou, no século XIX, um tipo novo de “romance da desilusão”, pintando a vida degradada e alienada do ser social no capitalismo e sua impotência diante da sociedade burguesa. Seria também, *Eu vos abraço, Milhões* uma tentativa, ainda que modesta, de fazer um romance das ilusões perdidas, cujo protagonista vê-se impossibilitado de realizar o sonho de ação política em prol da liberdade, da igualdade e da felicidade?

3 Qual herança?

Walter Ramalho, o narrador-protagonista de *Heranças* de Silviano Santiago, idoso e enfermo, é um indivíduo que ascendeu na escala sócio-econômica. No fim da vida, comprou um apartamento em Copacabana e, milionário e solitário, resolveu registrar suas memórias, desde a infância em Belo Horizonte nos anos 1930 até o início do século XXI, à espera da morte – com funerais encomendados e pagos – e do jazigo no cemitério São João Batista.

Polvilha suas lembranças e confissões com elementos que permitem qualificá-lo como

² Mais tarde fica sabendo que o “rapaz que havia beijado a mão do moribundo Machado de Assis” (SCLIAR, 2010, p.244) era ninguém menos que Astrojildo Pereira.

sujeito nem um pouco virtuoso, frio e calculista, cínico no mais das vezes. Obstinado e sem escrúpulos, passa por cima de quem se antepõe a seus propósitos. É o caso do assassinato da irmã, Filinha, morta num acidente de carro por ele planejado.

Concorri para o bom sucesso do acidente, ao sabotar o motor do carro na madrugada de sábado. Tampouco escondia da *chefinha* o desejo de ser o único proprietário da loja. Atacava-a na frente familiar, argumentando que na sociedade patriarcal o direito de herança recaía sobre o filho macho, atacava-a na frente comercial, alegando a fragilidade das saias na condução dos negócios. (SANTIAGO, 2008, p.135, grifo do autor).

O próprio narrador tem consciência de ser canalha e não esconde isso no relato, auto-utilizando esse qualificativo ao tratar das dificuldades para induzir as namoradas grávidas a fazerem aborto.

No caso das mulatas e judias, só me julgava liberto do potencial de divisibilidade do ser humano ao ver nasciturno cair no galho e se esborrachar – que nem fruto – no chão da morte prematura.

Nessa e alguma outra matéria, não sou definitivamente uma pessoa de bem. Em desespero, posso ter – e tenho tido – raciocínios e atitudes de canalha. (SANTIAGO, 2008, p.22).

Com a morte do pai – a mãe havia morrido jovem – e posterior vitimização da irmã, torna-se herdeiro único dos bens da família, em especial, da loja de armarinhos, construída pelo pai no centro de Belo Horizonte. Por volta de 1970, vende a loja e dedica-se à florescente indústria da construção civil na capital mineira, impulsionada pela política do “milagre” econômico da ditadura militar. O relato do narrador-personagem é deveras objetivo acerca dessa sua empreitada vitoriosa:

Aliás, fechei as portas dos Armarinhos S. José ao constatar que a sinergia era uma balela no ramo do comércio a varejo. Depois que joguei Filinha para escanteio, a ambição não podia se limitar às margens de lucro métrico-lineares. Aos olhos de Seu Nestor, um mais um só seriam três no reino da fantasia ou da vigarice. *Vis mea in labore* – aconselhava-me em latim. Abandonei as duas portas da rua dos Caetés para abrir outras mais arejadas portas virtuais na capital mineira, as de empresa de construção civil.

[...], antes de me transformar em hábil especulador financeiro, transformei-me em *Chevalier rentier* na metrópole que crescia a passos de miséria e de riqueza, distante do olhar métrico linear e justo de papai. (SANTIAGO, 2008, p.134-135).

Na construção do protagonista de *Heranças*, configura-se, pouco a pouco, a ausência de caráter no sentido moral do termo, principalmente depois da morte do pai, cuja conduta moldava-se por valores éticos. Esse processo de esvaziamento moral configura a característica de frações da burguesia que, por meios nem sempre lícitos, ascende, desfazendo-se de determinados valores e não conseguindo ir além do desfrute egoísta do capital e dos interesses mercantis.

“Mudava-se o regulamento, mudava-se o modo de conduzir a arbitragem do mundo.” (SANTIAGO, 2008, p.347). Não confiando no alcance do leitor sobre o que diz, dirige-se a ele de imediato: “Já percebeu: mudavam-se as ideias e, por ricochete, minha visão de mundo, como passo a justificar em seguida.” Esclarece também que “as raras pessoas respeitáveis” com que convivía não o “tinham na conta de inteligente e letrado.” Acreditavam, todavia, que “o milionário” compensasse “[...] a debilidade no raciocínio com a esperteza e a malícia na escolha de auxiliares

diretos e das amantes.” (SANTIAGO, 2008, p.347)³.

Filhinho de papai, boa vida, desde a adolescência circula pelos prostíbulos, pelos matagais com domésticas e depois gaba-se de, nas altas rodas belo-horizontinas, desvirginar mocinhas de tradicionais famílias mineiras. Aliás, um dos traços marcantes da índole da personagem, presente com muita força na narrativa, é sua dificuldade e seu egoísmo no trato e nas relações com as mulheres. Já na maturidade, tem casos amorosos com algumas delas, em especial com três com as quais desenvolve intimidade por mais longo tempo. Denise, arquiteta, é abandonada na iminência de suicídio; Marta, professora de sociologia na universidade e militante da esquerda armada, usa-o para sair do Brasil rumo ao exílio europeu, deixando-o sozinho no quarto de um hotel de luxo em Paris. Gráci, advogada trabalhista, herdeira de uma fortuna, morre de overdose e o exclui de seu inventário o que o surpreende e o magoa.

Apesar de todos os problemas e vicissitudes com as mulheres é com elas que acumula algum, ainda que parco, capital cultural, que ele exhibe sem economia: aprende a saborear pratos finos e bons vinhos, além de tomar conhecimento de certas expressões em francês, em inglês e mesmo em latim que, distribuídas ao longo da narração, procuram revelar erudição. Tais expressões casam-se com o uso indiscriminado e abundância de clichês e ditos populares. Expõe, em suas viagens (Rio de Janeiro, Paris, Madri), uma postura ostentatória, perdulária e arrivista.

Revela ainda a maneira pragmática e mesmo calculista de encarar a política e os políticos. Adepto do golpe de 1964 e apoiador entusiástico e interesseiro do regime ditatorial, quando entra para o ramo imobiliário passa a ter uma relação de conveniência com seus representantes. Jantares de negócios regados com bebidas finas e boa comida foi uma das formas que encontrou de fazer política e negociatas.

Médicos, advogados, dentistas, militares, fazendeiros, industriais, tabeliões – seria longa e fastidiosa a lista dos profissionais bicados pela política e fígados pela isca imobiliária. Nos dias de hoje, seria acrescida pelo nome de algum torneiro mecânico, ou ex-sindicalista. (SANTIAGO, 2008, p.211).

Chama a atenção o fato de a personagem – ao mesmo tempo em que se utiliza e tira partido da política, fazendo dela um negócio – manifestar por ela desprezo e desdém, como atividade perversa e mesmo diabólica, movida por interesses escusos. Na verdade, Walter expressa uma concepção, uma cultura política e uma prática histórica da elite brasileira, que visa propagar a indisposição e o desencantamento da sociedade, em particular das classes subalternas, em relação às organizações, às instituições e à representação política.

Dos anos 1980 em diante, deixa o ramo da construção civil e dedica-se ao mercado de capitais, à especulação na bolsa de valores. Na nova atividade, multiplica a fortuna, favorecido pela situação econômica e financeira do país.

Quando deixei de vez a loja de armarinhos e entrei, primeiro, no vale-tudo da construção civil e, depois, nas especulações do mercado de capitais é que fui descobrir as imprevisíveis maravilhas da multiplicação dos pães, que digo? das moedas. Depois de aprender com Seu Nestor que o *comprimento* se mede pelo metro, aprendi por conta própria que se mede pelo metro quadrado a *área* e pelo metro cúbico o *volume*. Estava diplomado *cum laude* nas artes e lucros do Sistema Internacional de Unidades. Tornava-me autoridade imbatível. (SANTIAGO, 2008, p.132-133, grifo do autor).

³ Escrevem João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais (2009, p.102) sobre os anos 80: “A dissolução da noção de dever, o apagamento das virtudes, vai tornando o brasileiro uma espécie de homem que passa a vida calculando quantidades de prazer e dor, à procura de níveis mais altos de ‘felicidade’ pessoal. Na vida cotidiana, só funciona a disciplina mecânica imposta pelo dinheiro ou pelas grandes estruturas burocráticas.”

Quando sabe que a vida se aproxima do fim, Walter procura o ex-namorado de Filinha, Vitorino, o corcunda, encontra-o casado, pede-lhe que venha ao Rio de Janeiro e propõe deixar-lhe a fortuna. Antes, porém, de o leitor tomar conhecimento desse fato, como é comum em *Heranças*, o protagonista volteia, insinua, filosofa – faz isso logo no início ao discutir a amizade, o assassinato da irmã – usando comparações, o que também é recurso inúmeras vezes repetido. No caso da herança, toma como símile a ideia “[...] percorrer o túnel a ser desbravado e aberto sob o pico.” (SANTIAGO, 2008, p.365):

Terei de construí-lo [o túnel] e atravessá-lo de cabo a rabo, a fim de que meus bens materiais possam passar a outras e diferentes mãos. Não tenho a quem – de nome preciso – deixar todas as minhas posses. E são incontáveis.
Para que recriei o passado do comerciante, construtor civil, empresário imobiliário e financista? Teria sido só para anunciar a todos os detratores que, em virtude das circunstâncias, estaria jogando no oceano da desesperança a possibilidade de crepúsculo e de aurora para o capital acumulado? (SANTIAGO, 2008, p.365).

A questão que se coloca é se o protagonista, com esse gesto racionalmente arquitetado, como, aliás, era tudo que fazia, pretende exorcizar suas culpas. Poderia ter deixado os bens para o fiel secretário e assessor, Cláudio.

Representante característico de um setor da sociedade que teve ascensão social e econômica num período da história brasileira – sobremaneira durante a ditadura militar –, expressa, em suas memórias, práticas e juízos de valor típicos dessa camada social, os novos-ricos⁴. Talvez seja consequência disso a solidão em que vive na maior parte do tempo, mesmo quando mantém relacionamento com mulheres. Nesse ponto, e em outros, Walter Ramalho pretende ser um Brás Cubas moderno, com tintas de Paulo Honório. A reflexão deste no livro que escreve revela consciência crítica de sua vida pregressa. No caso do protagonista de *Heranças* não há questionamento sobre o passado, mas o leitor pode ver no fato de deixar a herança para o quase ex-cunhado, uma forma de expiação ou de redenção.

4 Narração e descrição

Num famoso e polêmico ensaio de 1936, G. Lukács (1965a) procurou distinguir narração e descrição em romances do século XIX, estabelecendo as diferenças e peculiaridades de cada um dos métodos de representação artística utilizados na construção ficcional pelo Realismo e pelo Naturalismo e seus resíduos no “realismo socialista”. Sem pretender apanhar toda a complexidade das teses contidas no ensaio, enumeramos, de maneira sumária, algumas delas e as dessemelhanças que caracterizam os dois métodos:

- a) A **descrição** é, sobretudo, “uma digressão dentro do conjunto do romance” (LUKÁCS, 1965a, p.44), ou seja, seu móvel originário não tem relação medular com os fatos e as coisas descritas e o pormenor acaba por ficar apartado do conjunto; na **narração**, a dinâmica das cenas dramáticas alteram o conjunto do enredo, os motivos geradores e os detalhes estão perfeitamente integrados, além de distinguirem, no enredo, o essencial do accidental.
- b) Na **descrição**, as cenas, as relações, os fatos são descritos “do ponto de vista do espectador” (LUKÁCS, 1965a, p.44); na **narração**, ao contrário, eles são expostos “do ponto de vista do

⁴ Analisando o papel do dinheiro na sociedade capitalista a partir das teses de K. Marx, Leandro Konder (2002, p.37) diz que ele “embaralha” consciências, “trocando valores intrinsecamente qualitativos – valores absolutos, fundamentais para as convenções duradouras que nos permitem orientar nossas vidas – por valores quantificados, sempre relativos e conjunturais.” Adiante, afirma: “Com o capitalismo, o dinheiro passa a ser encarado como um poder capaz de substituir todos os valores, ocupando o lugar deles.” (KONDER, 2002, p.46). É como se dá a articulação do protagonista de *Heranças* com o capital.

participante”; enquanto o primeiro contempla com um distanciamento objetivo de mero observador, o segundo participa da cena e é (ou deveria ser) agente ativo e criador de significados⁵.

- c) A **descrição** não propicia “[...] a verdadeira poesia das coisas, limitando-se a transformar os homens em seres estáticos, elementos de naturezas mortas.”; a **narração** “não descreve uma ‘coisa’, narra acontecimentos humanos” (LUKÁCS, 1965a, p. 75 e p.62).
- d) “A **narração** distingue e ordena. A **descrição** nivela todas as coisas.” (LUKÁCS, 1965a, p.62, grifo nosso)
- e) A **narração** busca a representação artística das relações sociais e humanas, no seu movimento real e sensível; a **descrição** naturalista surge com o intuito de transformar a literatura numa reprodução instantânea ou fotográfica do real, próxima da explicação sociológica – essa “[...] aspiração à máxima ‘verdade’ objetiva implica uma tendência bastante perigosa para o romance.” (LUKÁCS, 1965a, p.72).

Apesar de as formulações de Lukács tratarem do romance do século XIX, entendemos que elas podem fornecer elementos e subsídios para a compreensão da prosa de ficção contemporânea, como no caso dos romances que são o objeto deste trabalho. Ambos têm muitos traços que os aproximam das características próprias do método descritivo de composição romanesca.

Walter, a personagem-narradora do livro de Silviano Santiago, relata passagens e episódios de sua vida de forma direta, sequencial, plana e objetiva, deixando a impressão, em diversos momentos da narração, de registro documental. Exemplar disso é o retrato da geografia histórica de Belo Horizonte entre os anos 30 e o final do século passado. Esse narrador, racional, calculista e cínico apresenta os fatos em ordem cronológica, evidenciando a intenção de construir o efeito de que tem controle sobre a memória e a escrita do mesmo modo que, como personagem, controlou os acontecimentos em sua vida, aproveitando-se deles ou deles desvencilhando-se. Com isso, a possibilidade de efeito de espontaneidade desaparece e tudo indica que o efeito de artifício é buscado. Não quer perder a mão e não a perde. Em muitos momentos do enredo, cenas e fatos de sua vida pregressa parecem ser vistas de fora e de longe, como algo exterior ou como se fosse alheio àquilo tudo ou ainda como se fosse um narrador em terceira pessoa. As relações sociais e humanas – como as informações temporais e espaciais – aparecem como simples pano de fundo, espécie de cenário exterior a que o protagonista se mantém alheio.

Os locais da cidade de Belo Horizonte em que Walter Ramalho viveu e que frequentou são mencionados como mera referência, de modo que a cidade é impessoalmente apresentada. Cita nomes e nomes de ruas, sua localização, como se fosse um GPS a guiar o leitor, sem emoção. As ruas não são caracterizadas por algo que as marque, é mais um mapa que uma paisagem, uma geografia sem sabor, um relatório:

Foto, imagem e desenho? Tome como referência a paisagem urbana de Belo Horizonte. Duas pequenas circunferências e dois pequenos retângulos dentro do amplo círculo da cidade. O anel da avenida do Contorno se reproduzia no traçado singular das praças Sete e Raul Soares e rimava com o formato retangular das praças da Liberdade e da Estação. As duas corriam paralelas e formavam quadriláteros perfeitos. Vez ou outra eram cortadas por larga avenida, que transformava o quadrilátero em triângulo. (SANTIAGO, 2008, p.53).

O caminho percorrido até o bordel que frequentou na adolescência é assim descrito:

⁵ Alfredo Bosi (2002, p.199) elaborou uma boa síntese das teses lukacsianas: “A narração levaria ao coração da personagem os múltiplos episódios compostos à sua volta e que passariam a ser inerentes ao seu destino. A descrição, ao contrário, conteria sempre uma certa dose de exterioridade, valeria pelos seus efeitos miméticos ou decorativos, mas não se fundiria organicamente com os pensamentos e atos dos protagonistas.”

O hotel, onde me esperava a Princesa Venérea, ficava na rua dos Guaicurus. Um prédio de apartamentos, com quatro andares e sem elevador. Tinha ensaiado várias vezes o percurso. Pela avenida Afonso Pena, caminhava da praça Sete em direção à Feira de Amostras, dobrava à direita na rua São Paulo. Passava pelas portas baixadas da Casa da Sogra e as vitrinas iluminadas da Casa Isnard e da Cristaleira, enxergava o imponente Banco Comércio e Indústria na esquina, atravessava a rua dos Caetés e a avenida Santos Dumont. Ganhava a esquina da rua dos Guaicurus. De lá ficava observando o prédio. Da esquina, podia-se ver, à esquerda, o gigantesco anúncio em néon do Montanhês Dancing. O pessoal da noite se esparramava pela calçada. Nos anos 1940 do prefeito Juscelino Kubitschek, não havia lugar mais alegre em toda a cidade. (SANTIAGO, 2008, p.60-61).

O protagonista, nesse trajeto, não mostra nenhuma ansiedade que se poderia esperar face ao parágrafo anterior em que confessa a explosão do “[...] desejo indomável de consumir o ato sexual.” (SANTIAGO, 2008, p.60). O caminho das freguesas que vinham de bairros distantes é assinalado do mesmo modo pontual: “Tomavam o bonde e apeavam num dos dois abrigos da praça Sete. Ganhavam a avenida Amazonas, desciam num quarteirão, dobravam à esquerda, na esquina do Hotel Sul-Americano, andavam um quarteirão e já estavam na Caetés.” (SANTIAGO, 2008, p.78). O percurso dominical à casa do padrinho tem registro do mesmo tipo (SANTIAGO, 2008, p.251).

De todo modo, pode-se dizer que tal preocupação em mostrar conhecimento não apenas dos nomes das ruas, mas de sua localização e os percursos para lugares que lhe são importantes, revela como o protagonista-narrador cumpre o pacto autobiográfico defendido por Lejeune (1975). Além da coincidência entre aquele que fala de si e o personagem principal, objeto dessa fala, tem-se a preocupação em expressar o vínculo do protagonista com as referências temporais e espaciais, como no caso da menção às ruas. É, portanto, um pacto de veridicção especial.

Há, também, encaixados no relato, certas teses expostas pelo narrador que lembram verdadeiras explicações sociológicas e/ou antropológicas. Exemplar disso, entre outros, é o primeiro capítulo das memórias de Walter Ramalho, do qual podemos extrair um curto, mas ilustrativo excerto:

Das lágrimas diante do visitante à alegria das palavras diante do morto, eis como decorreu a vida social no Brasil. Nós, os atuais brasílicos, somos cordiais. Não choramos ao receber as visitas, que logo serão mastigadas pelo dente da fome antropofágica. (SANTIAGO, 2008, p.14)⁶.

Ao sociologismo são justapostas certas asserções de uma filosofia ordinária e vulgar e o uso, indiscriminado, de expressões e termos do latim, do inglês, do francês, além de provérbios populares. Observe-se que muitas das teses, expressões e termos, mesmo que usados como simples adorno e nem sempre de maneira apropriada, não são compatíveis com o padrão intelectual e o capital cultural da personagem-narradora. No mais das vezes, soam como falsos e distante da dinâmica e do conjunto do enredo e sem ligação com ele.

Também o romance de Moacyr Scliar (2010) tem uma narração linear, na qual o narrador registra e enumera atos e fatos (às vezes em estado bruto e/ou que pretende verossímeis) de modo sequencial e, em muitas passagens do enredo, com caráter semi-documental.

Muitas são as digressões sem conexão direta com os motivos centrais do enredo. É o caso, logo no início do romance (SCLIAR, 2010, p.9-13, de uma explanação do narrador, inclusive com informações médicas, sobre seus problemas de próstata. Outras digressões que ficam à margem são

⁶ A tese da “cordialidade” como marca do caráter do ser social brasileiro foi usada inicialmente por Ribeiro Couto e depois desenvolvida em 1936 por Sérgio Buarque de Holanda (1978, p.105-112). A da “antropofagia” é divulgada em 1928 por Oswald de Andrade (1972, p.11-19).

comentários sobre a paixão de um amigo de adolescência por uma égua “barranqueira” com quem mantinha relações sexuais (SCLIAR, 2010, p.62-64); o relato da forma como presenciou a revolução de 1930 e a presença de tropas gaúchas no Rio de Janeiro (SCLIAR, 2010, p.172-173, p.196-202, p.211-212), além de diversas outras inserções que faz em suas memórias.

Concomitantemente, constrói tipos caricaturais, acessórios e mesmo circunstanciais em alguns casos. Geninho, o comunista que inicia Valdo no marxismo; Rosa, a anarquista, com quem mantém relações sexuais e, de certo modo, afetivas; Júlio, o nazista, colega de trabalho na construção civil; Bento, o gaúcho degolador, que conheceu nas andanças pelo Rio de Janeiro; o empregado da livraria que odeia livros, principalmente os marxistas e comunistas; além de outras que são caracterizadas como figuras excêntricas e fanáticas.

Junto com os tipos construídos ficcionalmente, há, não só referências, como a presença de figuras reais, históricas, reinventadas como Astrojildo Pereira, Luís Carlos Prestes, Getúlio Vargas etc. O primeiro é recriado com um sentido de veracidade, tanto que a maioria das informações sobre o dirigente comunista são fidedignas e fundamentadas historicamente: militância anarquista, fundador e secretário-geral do PCB, encontro com Luís Carlos Prestes na Bolívia, viagem a Moscou em 1929 para trabalhar no Birô Sul-Americano da Internacional Comunista, destituição da direção do PCB em 1930, comerciante de bananas, despedida com beijo na mão de Machado de Assis moribundo etc. A veracidade desses atos e fatos da vida de Astrojildo à época podem ser cotejadas e corroboradas com a produção historiográfica (DULLES, 1977; SEGATTO et al., 1982).

No entanto, o perfil de Astrojildo Pereira no imaginário construído por Valdo é mais consentâneo com o retrato político-ideológico de Octávio Brandão (KONDER, 1988), este sim portador de visões doutrinárias, dogmáticas, sectárias e com projeções revolucionárias abstratas – dizia, por exemplo, que Machado de Assis era niilista, reacionário, conservador etc. Essa troca de identidade pode ter sido proposital ou casual por parte do autor ao construir suas personagens. Porém, a pretensão de ser objetivo e verossímil – o que se verifica pela retomada de fatos históricos – não seria contradita pela troca do perfil? Soa estranho também que a personagem-narradora, tendo vivido no Rio de Janeiro nos anos 1929/31, em contato com militantes do PCB, não tivesse observado, em momento algum, a existência do Bloco Operário e Camponês (braço legal do PCB) e o lançamento pela legenda do BOC de Minervino de Oliveira como candidato à presidência da República nas eleições de 1930. Lapso de memória da personagem-narradora? Ou omissão do autor?

O PCB é apresentado como uma espécie de seita. Suas ações e reuniões, como rituais de devoção, reduzem-se a um revolucionarismo abstrato, com fantasias onipotentes, dedicado a profissões de fé. O marxismo dos comunistas brasileiros é exposto, nas figuras de Geninho, Valdo e Hércules, como uma doutrina codificada, sem dialética, fundada em dogmas e preceitos metafísicos. Sem inserção na vida política real, os comunistas estariam condenados a serem observadores da história.

Temos de falar às massas, dizia Geninho, temos de mobilizá-las, temos de prepará-las para a sua grande missão [...] O problema é que não falávamos à massa alguma. Falávamos entre nós. Nossos debates sobre as grandes questões da luta revolucionária eram ótimos, estimulantes, mas não nos satisfaziam inteiramente porque nada tinham de dialético, aquela oposição entre tese e antítese da qual deve surgir a inspiradora síntese. (SCLIAR, 2010, p.27).

A representação de Valdo do PCB e do marxismo no Brasil dos anos 1920 mostra uma compreensão muito próxima das considerações de Leandro Konder (1988) sobre a esquerda e o marxismo no país. Aqui cabe a observação de Lukács (1965a, p.72) sobre o sociologismo e o perigo que a “aspiração à ‘máxima’ verdade objetiva” tem para a literatura.

Se há diferenças entre os dois romances, que podem ser facilmente notadas pelo exposto, existem também várias similitudes. Além de terem narradores autodiegéticos idosos, que

reconstituem, pela memória, sua experiência e trajetória de vida - portanto, por meio da autobiografia da personagem de ficção - têm outras afinidades na representação: narrativa plana e objetiva, direta e linear, predomínio da descrição, busca da verdade, amálgama de ficção e de documentário.

Referências Bibliográficas

- 1] ANDRADE, O. de. **Do Pau Brasil à antropofagia e as utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972 (Obras completas, v.6).
- 2] BOSI, A. Figuras do *eu* nas recordações de Isaías Caminha. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p.186-208
- 3] DULLES, J. W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1930**. Tradução de César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- 4] HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 12.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- 5] KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- 6] _____. **A derrota da dialética**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- 7] LEJEUNE, Ph. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.
- 8] LUKÁCS, G. Narrar ou descrever? In: _____. **Ensaaios sobre literatura**. Tradução de Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965a. p.43-94.
- 9] _____. Balzac: Les illusions perdues. In: _____. **Ensaaios sobre literatura**. Tradução de Luís Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965b. p.95-114.
- 10] MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. 2.ed. São Paulo: Ed. da UNESP/FACAMP, 2009.
- 11] SANTIAGO, S. **Heranças: romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- 12] SCLIAR, M. **Eu vos abraço, Milhões**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- 13] SEGATTO, J. A. et all. **PCB: 1922-1982 – memória fotográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

iAutor(es)

José Antonio SEGATTO, Prof. Dr.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP - FCL)
Departamento de Sociologia
segatto@fclar.unesp.br

ii Maria Célia LEONEL, Profa. Dra.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP - FCL)
Departamento de Literatura
mcleonel@fclar.unesp.br